

POLÍTICA E OPINIÃO PÚBLICA



Esta seção analisa a evolução das intenções de voto para as eleições presidenciais, a partir da oficialização da candidatura de Fernando Haddad desde o dia 11 de setembro, após a impugnação da candidatura de Lula e findado o prazo para sua substituição. Pouco antes, uma facada contra o candidato Jair Bolsonaro, até então vice-líder nas pesquisas, tumultuou o cenário eleitoral. Enfoca ainda os segmentos que mais se destacam na transferência de votos de Lula para a candidatura de Haddad e os que mais a rejeitam.

Candidatura de Haddad substitui a de Lula

Fernando Haddad oficializou em 11 de setembro seu nome como substituto ao do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para a disputa presidencial nas eleições de outubro, tendo Manuela D'Ávila, do PCdoB, como candidata a vice-presidenta. O lançamento da candidatura de Haddad foi em Curitiba, em ato público em frente ao prédio da Polícia Federal, onde o ex-presidente está preso. Estavam presentes a presidenta do PT Gleisi Hoffmann e a ex-presidenta Dilma Rousseff, entre outras lideranças do partido. Na ocasião foi lida uma carta do ex-presidente Lula onde ele explica que os tribunais proibiram sua candidatura, preferindo manter as mentiras e perseguição contra o melhor presidente do Brasil, mesmo que àquela altura fosse líder disparado em todas as pesquisas de intenção de voto.

Lula reafirmou sua inocência e reforçou que está preso injustamente há mais de cinco meses, sem que os procuradores da Operação Lava Jato apresentassem uma única prova contra ele, que não cometeu nenhum crime, que sua condenação é uma farsa judicial e uma vingança política daqueles que nun-

ca aceitaram a derrota. Assim interromperam um projeto para o Brasil com um golpe não só contra o PT, mas contra a democracia, contrariando inclusive acordos do país com o Comitê de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas.

Na carta, Lula reforçou a lealdade e competência de Fernando Haddad, que, além de seu ministro da Educação, foi prefeito da maior cidade do Brasil e coordenou o plano de governo do partido. Reafirmou também a parceria histórica com o PCdoB, representado pela vice-presidência na chapa com o nome de Manuela D'Ávila e a aliança com os movimentos sociais e as forças democráticas e populares.

Finalizou a carta com “quero pedir, de coração, a todos que votariam em mim, que votem no companheiro Fernando Haddad para presidente da República. E peço que votem nos nossos candidatos a governador, deputado e senador para construirmos um país mais democrático, com soberania...”

Virada no processo eleitoral

Com a substituição de Lula como candidato do PT,

que liderava as pesquisas de intenção de voto, com até 39% em algumas sondagens, um novo quadro se apresentou. Somado a isso, no dia 6 de setembro, o candidato da extrema direita, Jair Bolsonaro (PSL), que despontava na segunda colocação sofreu um atentado, vítima de uma facada durante um comício na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. O caso ainda não foi esclarecido, mas tudo indica que o agressor seja uma pessoa com problemas psiquiátricos, muito embora sua trajetória no último período indique o planejamento do crime. A vinculação com os advogados de sua defesa também permanece mal explicada.

O fato manteve o candidato Jair Bolsonaro, que tinha apenas nove segundos no horário eleitoral gratuito e cerca de 18% de intenções de voto, hospitalizado e afastado da campanha eleitoral, porém fortemente presente na mídia, sobretudo nos dias que se seguiram ao atentado.

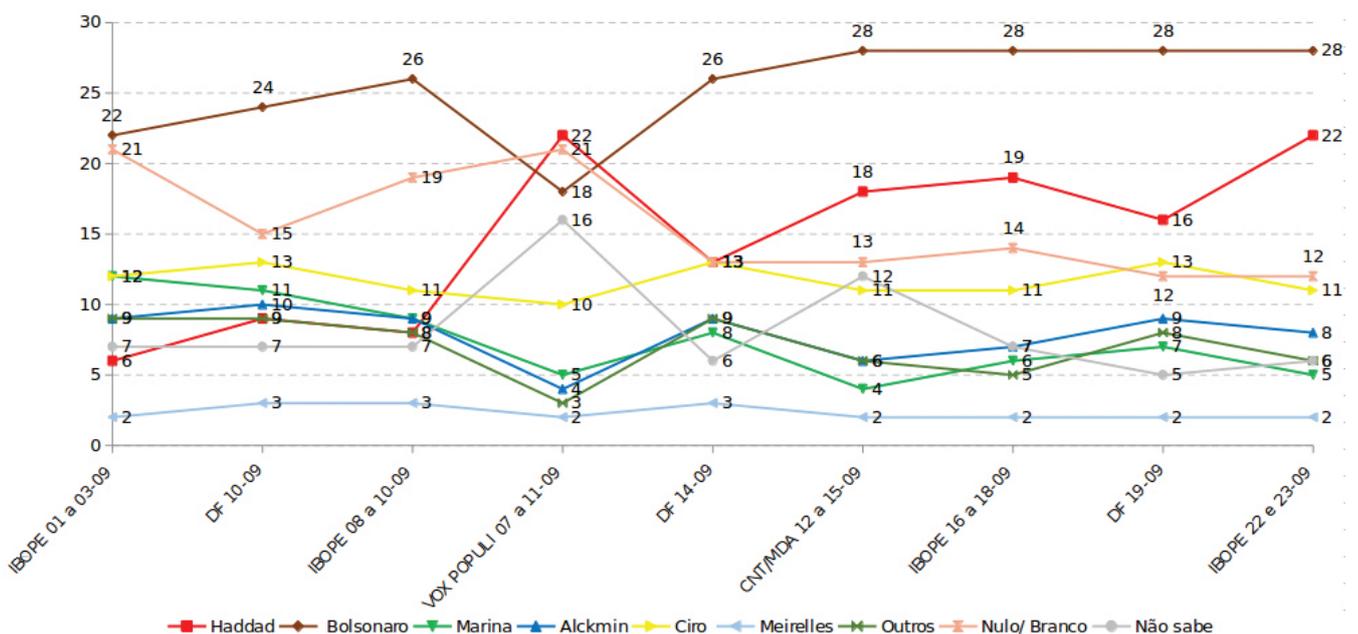
Com a entrada de Haddad e sem Lula na disputa, as pesquisas de intenção de voto do mês de setembro passaram a captar a liderança de Jair Bolsonaro e a rápida transferência de votos de Lula a Haddad, que deverão disputar o segundo turno.

Jair Bolsonaro cresceu levemente logo após o atentado, entre 8 e 10 de setembro, quando o Ibope

captou quatro pontos a mais, no limite da margem de erro. A partir daí teve ligeira oscilação positiva até o dia 15, e, nas últimas quatro pesquisas, segundo os três diferentes institutos que usam a mesma metodologia, se manteve estável, na casa dos 28%, seu teto ao que tudo indica.

Já Haddad, tão logo foi anunciada sua candidatura, saiu do patamar de 8% a 9%, chegou a 13% e empatou com Ciro Gomes (PDT) três dias depois, segundo o Datafolha, e cresceu mais de dez pontos em uma semana, segundo o Ibope, de 8%, em 8 a 10 de setembro, para 19%. A CNT, em parceria com a MDA, confirmou os números, registrando 18% de intenções de voto em Haddad, que com isso abriu vantagem de mais de sete pontos em relação a Ciro Gomes, com 11%, na terceira posição. A última pesquisa Datafolha, de 19 de setembro, manteve Haddad na segunda posição, com 16%, mas captou Ciro com 13%. Em 22 e 23, a quinze dias das eleições, o Ibope confirmou o petista no segundo turno, com 22% das intenções de voto, o dobro da de Ciro, 11%.

Alckmin e Marina se mantiveram tecnicamente empatados, ela com 5% e em queda desde o início do mês e ele estável, atualmente com 8%, assim como Henrique Meirelles, este com 2%. A taxa de brancos e nulos caiu de 21% no início do mês para atuais 12%, e 5% ainda não sabem em quem irão votar.



Segmentação

A segmentação da pesquisa mais recente até o fechamento desta edição, realizada pelo instituto Ibope nos dias 22 e 23 e divulgada no dia 24, nos permite compreender o crescimento do candidato do PT, Fernando Haddad, e a dificuldade que outros tem para crescer. O aumento de três pontos percentuais nas intenções de voto do petista pode ser explicado pelo seu desempenho em alguns segmentos da sociedade.

Haddad cresceu em quase todos os segmentos, e o aumento acima da margem de erro de 2% foi detectado entre os que têm de 25 a 34 anos (de 16% para 23%), os que têm mais de 55 anos (de 18% para 23%), entre os moradores do Norte e do Centro-Oeste (de 15% para 20%) e do Sul (de 11% para 19%). O candidato do PT só não cresceu em um segmento: os que possuem entre 16 e 24 anos.

O petista lidera entre os que possuem até a quarta série (com 28%) e entre os que têm da quinta a oitava série do ensino fundamental (com 26%), entre os que possuem renda de até um salário mínimo (com 30%), os residentes na região Nordeste (com 34%). Empata tecnicamente com Bolsonaro entre as mulheres (ambos com 21%), 35 a 44 anos (23% para Haddad e 24% para o deputado), 55 anos ou mais (25% a 23% para Bolsonaro), católicos (25% a 24% para Haddad), pretos e pardos (25% a 24% para Bolsonaro) e quem se declarou de outra raça/cor que não branco, preto ou pardo (28% a 25% para Haddad).

Considerando as taxas dos que não se decidiram, ainda há espaço para o crescimento de Haddad. Os segmentos mais indecisos são as mulheres (8%), os que têm de 45 a 54 anos (7%) e mais de 55 anos (11%), escolaridade até a quarta série do ensino fundamental (12%), da quinta a oitava série (8%), renda de até um salário (9%) e de um a dois salários (8%), sulistas (8%), evangélicos (7%) e pretos/pardos (7%).

Em relação aos outros candidatos, a segmentação da pesquisa Ibope nos permite traçar o perfil de seus eleitorados. A liderança de Bolsonaro é puxada pelo voto masculino, mais jovem e mais rico. Nota-se claramente como o voto do deputado é marcado por renda, por exemplo. Quanto mais crescem a renda e escolaridade, que no Brasil é historicamente demarcada também pela renda,

maior o número proporcional de eleitores de Bolsonaro. Chama a atenção a queda no desempenho do Sul, que na última pesquisa dava 38% dos votos para o deputado, desempenho que caiu para 30%. Outro critério que marca o voto bolsonarista é cor, visto que o desempenho do candidato entre brancos é 8% maior do que entre pretos e pardos. O voto em Bolsonaro também cresce entre aqueles eleitores que não votariam no PT de jeito nenhum, onde possui 59% das intenções de voto, o que indica que o voto em Bolsonaro é muito mais um voto anti-petista e anti “tudo o que está aí”, do que em qualquer proposta que porventura o candidato venha a apresentar.

A adesão definitiva às candidaturas é maior entre os eleitores de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro, 51% e 49% de seus eleitores, respectivamente afirmam que sua decisão de voto é definitiva e não mudará de jeito nenhum, indicando a clara polarização dessa eleição.

Com metodologia diferente, entrevistas realizadas por telefone, e com interesse voltado a monitorar o mercado de capitais, a XP/Ipespe, BTG/Pactual e o Poder 360 também realizaram pesquisas de intenção de voto presidencial e os resultados, embora em escalas diferentes, apresentaram a mesma tendência das pesquisas amostrais realizadas por entrevistas pessoais.

A última pesquisa da XP/Ipespe, realizada entre os dias 17 e 19 de setembro, mostra Jair Bolsonaro na liderança com 28% dos votos, seguido por Fernando Haddad, com 16%, confirmando os números da Datafolha. Ciro manteve-se em 11%. Já a última pesquisa do Poder 360, realizada entre os dias 19 e 20 de setembro também por abordagem telefônica, mas com aplicação eletrônica, registra empate técnico entre Jair Bolsonaro, com 26% e Fernando Haddad, com 22% e Ciro mais abaixo com 14%.

A da BTG/Pactual, que utiliza da mesma metodologia e foi aplicada entre os dias 22 e 23 de setembro, registram crescimento de Jair Bolsonaro que atinge os 33%, acompanhado pelo também crescimento de Haddad, com 23%, mantendo a diferença de cerca de dez pontos percentuais, observada nas pesquisas CNT/MDA e Ibope e garantindo a presença de ambos no segundo turno. Ciro fica na terceira posição, com 10%.

Apesar da diferença nos números, todas as pes-

quisas concordam que nesse momento haverá segundo turno, disputado entre o deputado e capitão reformado do exército, Jair Bolsonaro, do PSL, contra o ex-ministro da Educação, ex-prefeito de São Paulo e afilhado de Lula, Fernando Haddad, do PT.

Segundo turno

Segundo a mais recente pesquisa realizada pelo Ibope, entre 22 e 23 de setembro, haverá segundo turno, disputado por Bolsonaro e Haddad, com vitória do petista com 43% das intenções de voto contra 37% de Bolsonaro.

Em um segundo turno entre Ciro e Bolsonaro, o pedetista teria vantagem com 46% das intenções de voto contra 35% de Bolsonaro. Se o segundo turno fosse disputado entre Alckmin e Bolsonaro, Alckmin também venceria com 41% a 36%. Somente Marina Silva poderia empatar com Bolsonaro, ambos agora com 39%.

Em um provável segundo turno entre Haddad e Bolsonaro, Haddad se destaca no segundo turno entre os mais jovens, os que cursaram entre a quinta e oitava série, os com renda inferior a um salário mínimo e os eleitores da região Nordeste. Já Bolsonaro venceria a disputa no segundo turno contra Haddad entre os homens, os que possuem curso superior, e entre os eleitores das regiões Sul e Sudeste.

No cálculo de votos válidos para essa disputa, Haddad vence com 54% dos votos válidos e Bolsonaro fica com 46%.

Rejeição

O candidato Jair Bolsonaro também lidera em rejeição. A taxa dos que não votarão no candidato de jeito nenhum cresceu quatro pontos percentuais, passando de 42% para 46%. Os demais candidatos mantiveram suas taxas de rejeição estáveis, Haddad

com 30%, Marina 26%, Alckmin 20% e Ciro 18%.

Em relação a segmentação da rejeição, Bolsonaro tem pior desempenho no Nordeste (rejeição de 60%), entre as mulheres (54%) e entre os que possuem renda familiar mensal de até um salário mínimo (57%). Haddad possui a maior rejeição entre os que ganham mais de cinco salários mínimos (50%).

O aumento da rejeição de Bolsonaro possivelmente se deve às crescentes críticas que o candidato do PSDB, Geraldo Alckmin tem feito em sua campanha. Segundo Alckmin, somente sua candidatura seria capaz de pôr fim à polarização entre antipetistas e antifascistas esquecendo de dizer que foi seu partido que iniciou esse processo de polarização, ainda durante os governos petistas. Da mesma forma, o discurso de que somente Ciro poderia impedir a vitória de Bolsonaro perde força com a nova configuração da disputa ao segundo turno.

Ainda que as nuvens da onda fascista pareçam se dissipar lentamente, é preocupante saber que a direita brasileira abriu espaço para uma candidatura como a de Bolsonaro, apoiada em ideias antidemocráticas e extremista, pautada no discurso do ódio e extermínio de adversários, a defesa da tortura e da ditadura, de uma Constituição sem a participação do povo através do voto, permissão ao estupro e discriminação às famílias sem a presença masculina, tenha a adesão, ainda que momentânea, de quase um terço da população brasileira.

O Ibope mediu a preferência partidária e o PT alcança 27%, retomando índices de 2012. O PSL pela primeira vez alcança o PSDB, com 5% de preferência e os demais partidos não superaram 2%. Por outro lado, o antipetismo ainda continua na casa dos 30%, sendo o PT o partido com maior rejeição, seguido pelo PSDB, com 8%. O antipetismo é maior entre os eleitores de 25 a 34 anos, os que possuem curso superior e cresce conforme aumenta a renda familiar.